

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

A face sombria da vida e a outra face do humano

Sheila Cabo Geraldo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0001-8469-713>
sheicg4@gmail.com

Resumo

Aline Motta, artista visual negra, que trabalha com diferentes práticas artísticas, como o vídeo, a fotografia e a instalação, vem pesquisando a memória de sua família, que também é a memória do colonialismo, trazendo reflexões que aprofundam a história(memória?) das relações escravocratas no Brasil. A busca pela genealogia familiar resultou em uma trilogia de vídeos que evocam o passado brasileiro. A série inclui “Pontes sobre Abismos” (2017), “Se o mar tivesse varandas” (2017) e “(Outros) Fundamentos” (2019). Neste último, que Aline filmou em Lagos/Nigéria, Cachoeira/BA e Rio de Janeiro/RJ, a artista articula na água, elemento da cosmologia iorubana de conexão espiritual, uma conexão especular, onde impossíveis reflexos transatlânticos são lançados na busca da outra face do humano.

Palavras-chave: Memória. Colonialismo. Cosmologia.

Abstract

Aline Motta, a black visual artist, who works with different artistic practices, such as video, photography and installation, has been researching the memory of her family, which is also the memory of colonialism, bringing reflections that deepen the history of slave relations in Brazil. The search for family genealogy resulted in a trilogy of videos that evoke the Brazilian past. The series includes “Bridges over Abysses” (2017), “If the sea had balconies” (2017) and “(Other) Fundamentals” (2019). In the latter, which Aline filmed in Lagos/Nigeria, Cachoeira/BA and Rio de Janeiro/RJ, the artist articulates in the water, an element of the Yoruban cosmology of spiritual connection, a specular connection, where impossible transatlantic reflections are launched in search of the other face of the human.

Keywords: Memory. Colonialism . Cosmology.



Figura 1. Aline Motta. (*Outros*) *Fundamentos*. Vídeo, 15:48, série de fotografias, 2017- 2019

Pensar o século em que vivemos a partir da herança do colonialismo, foi o que se propôs Achille Mbembe (2020) ao escrever o livro *Políticas da inimizade*. Mas foi também encontrar alternativas para sair do mundo de terror colonial e pós-colonial que caracterizou os séculos XIX e XX, mundo que vivenciamos como norma, mesmo após o movimento de descolonização. Mbembe se dedica ainda a expor de que maneira os conflitos decorrentes da descolonização engendraram guerras, sejam de conquista, de ocupação e de terror, conflitos que se tornaram, desde o final do século XX, “o sacramento da nossa época” (2020, p.13). Definitivamente, essa é a época das inimizades, que se alastraram intensamente em relações conflituosas, impulsionadas pela intolerância racial, religiosa e étnica. No Brasil reconhecemos nesse sentido – entre outras – as lutas pelas terras indígenas e quilombolas, amplamente anunciadas pelo intelectual indígena Ailton Krenak (2019).

Mas Mbembe deseja, sobretudo, pensar os fundamentos de uma “genealogia do comum”, ou seja, a possibilidade de uma “política do vivente”, como escreve, que ultrapasse a angústia do aniquilamento e as barreiras, ou fronteiras intransponíveis, que se tornaram formas de exclusão. Assim é que, reconhece, cada vez mais somos levados a nos perguntar “como fundar uma relação com os outros, que esteja baseada no reconhecimento recíproco da vulnerabilidade e da finitude que nos são comuns?” (2020, p.14)

Mesmo reconhecendo a força dos movimentos que se organizam para derrubar as fronteiras racistas, patriarcais, sexuais e de gênero, vivemos nos últimos anos, mundialmente, situações que exigem atenção máxima e reações contundentes, como as que aconteceram após a violenta morte por asfixia de

George Floyd, nos EUA. Entre nós, no Brasil, os ataques aos acampamentos indígenas e quilombolas, aos sem terra e sem teto, com violência diária e impune contra jovens negros periféricos das grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, continuam, em regra, recorrentes e impunes.

O mais recente, no Rio de Janeiro, aconteceu no dia 24 de janeiro de 2022, quando o jovem Maïse Mugenyi Kabagambe, refugiado congolês de 24 anos, que vivia no Brasil e trabalhava em regime precário em um quiosque à beira da praia da Barra da Tijuca, foi assassinado a pauladas por cinco homens que discordaram de seu comportamento, ou seja, reclamar seu pagamento, que lhe era devido, por dois dias trabalhados. Mas como declarou Douglas Belchior¹ ao The Guardian Brazil (2022), esse assassinato não foi por uma discordância pessoal apenas, mas por uma guerra de extermínio racial:

... falei sobre a enorme mentira, o mito que se criou, de que o Brasil é acolhedor com imigrantes pretos. Moïse morreu porque há um projeto de extermínio da população preta nesse país. Há uma guerra racial no Brasil. Aqui, temos um George Floyd a cada 23 minutos, um Moïse a cada 23 minutos.



Figura 2. Experiência concreta #1 (diálogo de mãos), 2017. impressão de imagens extraídas de jornais digitais, atálogo de exposições de artes visuais e manuais de sobrevivência e caixa de compensado naval 60 x 60 x 4 cm - foto *Filipe Berndt*

¹ A George Floyd every 23 minutes': fury at refugee's brutal murder at Rio beach. The Guardian Brazil. 04 fev. 2022. Cf. <https://www.theguardian.com/world/2022/feb/04/brazil-congolese-refugee-murder-racism>. Acesso fev.2022.

Ódio e barbaridade são as palavras usadas para descrever as cenas assistidas por todos no jornal televisivo local. Jaime Lauriano, artista visual, havia trabalhado sobre esses espancamentos públicos de pessoas negras no Brasil. Realizou em 2017 *Experiência concreta #1* (diálogo de mãos), que parte do trabalho de Lygia Clark, que une, com a fita de moebius, seus pulsos e os de algum participante, propondo a união simbiótica das pessoas, mas que também se assemelha à forma de amarradura de mãos de pessoas linchadas em espaços públicos. Usando fotografias que haviam sido publicadas em mídias virtuais, Lauriano organiza as imagens desses atos de tortura num arquivo, que nos leva a perceber esses linchamentos públicos enquanto a partilha do sensível no Brasil, que é a partilha da violência. Nós, que herdamos a violência colonial escravocrata, estamos sempre ativando memórias de experiências concretas de ódio ao outro, quase sempre negro.

A memória como resistência e união.

Aline Motta, artista visual, que trabalha com diferentes práticas artísticas como vídeo, fotografia e instalação, na busca por refundar relações de união e afeto, vem pesquisando a importância da memória nessas relações, e no caso de sua pesquisa, a importância da memória familiar, que como a da sua família, corresponde à memória do colonialismo e do escravagismo negro brasileiro.

Tendo como premissa que memória não é um exercício de lembrar o passado como ele foi, mas um exercício de arquivo e desarquivo de recordações, de acontecimentos, eventualmente submersos no esquecimento, exercício feito na urgência do presente, segundo a qual estamos sempre reconfigurando a história e a escrita da história porque estamos sempre revendo o que pode ter sido apagado ou o que reclama ser recuperado.

Com Aline, a busca pela genealogia familiar resultou em uma série de fotos e vídeos que evocam presenças e falhas do passado, que, como presenciamos hoje, continuam trazendo ao presente as relações de perversidades coloniais, agora não mais tão veladas. A artista produz várias obras-reflexões sobre o que consideramos a “face sombria da vida”, ou seja, a face de quem herdou na pele as perversidades das relações de exclusão próprias do regime escravocrata colonial. A série a que lanço aqui inclui a trilogia “Pontes sobre Abismos” (2017), “Se o mar tivesse varandas” (2017) “(Outros) Fundamentos” (2019). Trago ainda “Filha natural” (2018-2019). Nesse sentido, também é preciso ter em mente que alcançar eventos ou fatos que estejam encobertos pelo esquecimento, ou pelas falhas, no nível pessoal, coletivo ou institucional, muitas vezes exige uma disposição do historiador para o inaudito, ou para lacunas no processo de consignação, do que podemos chamar com Derrida (2001) de falhas no arquivo mnemônico, e que lança o historiador para o que Didi-Huberman, citando Warburg (2013, 25), chamou de

“modelo fantasmático” da história, um processo epistemo-metodológico aberto para pensamentos incertos e conflitantes, que aparecem como sintomas.

O primeiro trabalho que quero mencionar é “Pontes sobre Abismos”. A artista escreve sobre esse trabalho:

Este é um projeto sobre a vida. Se tudo que fazemos na vida é atravessar abismos, este projeto é sobre pontes. Pontes de palavras e imagens, pontes de busca por entendimento. Pontes sobre o Atlântico. É um projeto que fala sobre a minha família, mas poderia falar também da sua. A história se desenrola a partir de um segredo. Um segredo de avó para neta. O que é que na história de uma vida deve ser lembrado e o que deve ser esquecido? Como curamos traumas pessoais, familiares e coletivos?



Figura 3. Aline Motta. Pontes sobre Abismos. Videoinstalação em 3 canais, 08:28. Série de Fotografia, 2017

A partir de um “segredo” de família, portanto, Aline viaja à procura de vestígios de seus antepassados (mãe, avó e a bisavó Mariana). O “segredo” de sua avó é que ela, a avó, não tinha conhecido seu pai. Mariana, a bisavó da artista, havia engravidado do filho do patrão para quem trabalhava e tinha sido abandonada. De posse do nome de seu bisavô, a artista vai a terras rurais do Rio de Janeiro, a Minas Gerais, a Portugal e à Serra Leoa pesquisando arquivos públicos e privados, reescrevendo a história da formação familiar brasileira. Filha de mãe com ascendência nigeriana, negra, Aline nos conta nesse vídeo das formas de representação, sobre a identidade e pertencimento em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo patriarcalismo coloniais. Sua ascendência negra teria sofrido um processo de esquecimento, ou de embranquecimento, não fosse seu empenho na redescoberta de sua própria história, que também é a nossa.

A segunda obra é a videoinstalação em dois canais “Se o mar tivesse varandas” que, como afirma Aline, foi construída em torno de uma impossibilidade, mas para a qual a artista cria novos versos para uma quadra portuguesa, subvertendo o sentido usual e abrindo uma possibilidade de relação, ainda que entre choques.

Se o mar tivesse varandas
a água teria gosto de terra
a paisagem seria uma arquitetura
e da praia daqui e da praia de lá
teríamos a mesma vista

Se o mar tivesse varandas
as ondas passariam recolhendo testemunhos
e a memória de uma costa
seria passada à outra
chocando-se contra as rochas (Aline Motta, 2017b)



Figura 4. Aline Motta. Se o mar tivesse varandas. videoinstalação em 2 canais, 09:11. série de fotografias, 2017

O trabalho procura criar uma ponte entre o Brasil e o continente africano à medida que as imagens dos familiares da artista surgem por sobre as águas. A água também é entendida como um veículo de histórias que muitas vezes estão ocultas, e precisam ser evocadas para se fazerem presentes. Ao banhar os retratos de seus antepassados em água, busca trazê-los de volta para seus lugares de origem, onde tudo começa e termina, em ciclos contínuos de renovação e transmutação.

O terceiro trabalho da trilogia é (Outros) Fundamentos, composto por uma série de imagens fotográficas e um vídeo realizados entre 2017 e 2019. Nas primeiras cenas do vídeo uma mulher nigeriana rema um pequeno barco enquanto a artista declama as palavras que usou para descrever *Oynbo*, uma instalação que havia montado em Lagos, em dezembro de 2017:



Figura 5. Aline Motta. (Outros) Fundamentos. vídeo, 15:48. Série de fotografias, 2017-2019

Oynbo sou eu, branca, branca na Nigéria, negra no Brasil. Eu os reconheço, eles não me reconhecem. Eu me vejo neles, eles não se veem em mim. Me chamam de *Oyinbo*. Se ao menos soubessem. Se soubessem que estavam no navio comigo quando me obrigaram a partir. Eles estavam no avião comigo quando voltei. Com 200 anos de diferença. (Aline Motta, 2017-2019)

Aline filmou em Lagos, na Nigéria, em Cachoeira, na Bahia e Rio de Janeiro onde mora. A artista articula na água, elemento da cosmologia iorubana de conexão espiritual, uma conexão especular, onde impossíveis reflexos transatlânticos são lançados na busca da outra face do humano. Empreende, assim, uma estratégia para reescrever a história de seus ancestrais nigerianos que vieram para o Brasil como escravos, e cuja presença foi apagada de sua pele pela predominância branca herdada de seus avós portugueses.

O quarto trabalho que Aline desenvolveu entre 2018 e 2019 foi o vídeo *Filha natural*.² A artista parte de um levantamento documental em que há inventários, testamentos, certidões de óbito, fotografias, jornais, relatos de viajantes, boa parte deles relativos à vida, aos bens, ao sangue e à linhagem do Barão de Ubá, cuja família enriquecera às custas do tráfico e comércio de escravizados. Sobre eles,

² O filme hoje integra o acervo MASP.

sobre seu sangue e linhagem, porém, faltam documentos e imagens da época. Há uma enorme carência de documentos.



Figura 6. Filha Natural. Instalação Fotográfica, 15m2. Publicação, 40 páginas, 17 x 25cm. Série de Fotografias. Performance.Vídeo, 15:52min. 2018/2019

É transitando entre essa escassez de vestígios, subvertendo ou ampliando lacunas e apagamentos, deslocando sentidos dados, redirecionando o olhar e promovendo dobras entre o presente e o passado que Aline Motta tece 'Filha natural'.

O filme resulta da busca da cineasta pelos vestígios de sua tataravó, Francisca, escravizada na Fazenda de Ubá, de quem não há registro de nascimento. A artista pergunta, então: filha natural de quem? Em suas escavações, a artista encontra o atestado de óbito de UMA Francisca, não se sabe se a sua bisavó. Esse nome é listado em inventários de bens, ao lado de outros escravizados. Entre tantas perguntas sem resposta e fios perdidos, Motta encontra ainda Claudia Mamede, uma líder comunitária da região, cuja avó assemelha-se à sua própria bisavó. Seriam ambas descendentes da mesma Francisca? Fabulando um parentesco possível e afirmando a ancestralidade em comum, as duas revisitam documentos, imagens e o lugar daquela violência e apagamento, carregando memórias de todas as vidas e fantasmas que não se documentaram, mas que permanecem acesas e presentes.

Referências

BELCHIOR, Douglas. The Guardian Brazil. 04 fev. 2022.

A George Floyd every 23 minutes': fury at refugee's brutal murder at Rio beach.

<https://www.theguardian.com/world/2022/feb/04/brazil-congolese-refugee-murder-racism>. Acesso fev.2022.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. São Paulo: N-1 edições, 2020

MBEMBE, Achille. *Poder brutal, resistência visceral*. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

MOTTA, Aline. 2017a. Disponível em:

<http://www.alinemotta.com/Pontes-sobre-Abismos-Bridges-over-the-Abyss> 2017. Acesso em nov. 2021.

MOTTA, Aline. 2017b. Disponível em:

<http://alinemotta.com/Se-o-mar-tivesse-varandas-If-the-sea-had-balconies>. Acesso em nov.2021.

MOTTA, Aline. 2017-2019. Disponível em:

<http://www.alinemotta.com/Outros-Fundamentos-Other-Foundations> . Acesso em nov.2021.

Como citar:

CABO GERALDO, Sheila. A face sombria da vida e a outra face do humano. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 814-823, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.064>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>